

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CAMPUS GOVERNADOR VALADARES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Adriani Katrini Winzie da Costa Pereira

Panorama do empreendedorismo feminino no Brasil de 2018 a 2024

Governador Valadares

2026

ADRIANI KATRINI WINZIE DA COSTA PEREIRA

Panorama do empreendedorismo feminino no Brasil de 2018 a 2024

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Governador Valadares, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Profª. Me. Nayara Peneda Tozei

Governador Valadares
2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Costa Pereira, Adriani Katrini Winzie da.

Panorama do empreendedorismo feminino no Brasil de 2018 a 2024 : Panorama do empreendedorismo feminino no Brasil de 2018 a 2024 / Adriani Katrini Winzie da Costa Pereira. -- 2026.
36 f.

Orientadora: Nayara Peneda Tozei

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Avançado de Governador Valadares, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - ICSA, 2026.

1. empreendedorismo feminino. 2. mercado de trabalho. 3. informalidade.. I. Peneda Tozei, Nayara , orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FORMULÁRIO DE APROVAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO

ECO013GV MONOGRAFIA II

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às 13 horas e 30 minutos do dia 12 de janeiro de 2026, na sala 303, foi instalada a banca do exame de Trabalho de Conclusão de Curso para julgamento do trabalho desenvolvido pelo(a) discente Adriani Katrini Winzie da Costa Pereira, matriculado(a) no curso de bacharelado em Ciências Econômicas. O(a) Prof.(a) Nayara Peneda Tozei, orientador(a) e presidente da banca julgadora, abriu a sessão apresentando a professora examinadora Carolina Rodrigues Corrêa Ferreira.

Após a arguição e avaliação do material apresentado, relativo ao trabalho intitulado: Panorama do Empreendedorismo Feminino no Brasil de 2018 a 2024, a banca examinadora se reuniu em sessão fechada considerando o(a) discente:

- () Aprovado (a)
(X) Aprovado (a) com correções
() Reprovado (a)

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que vai assinada pelos presentes.

Governador Valadares, 12 de janeiro de 2026

Orientador(a)

Membro da Banca I

Aluno (a)



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Rodrigues Correa Ferreira, Professor(a)**, em 12/01/2026, às 21:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriani Katrini winzie da Costa pereira, Usuário Externo**, em 21/01/2026, às 14:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nayara Peneda Tozei, Professor(a)**, em 22/01/2026, às 07:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj (www2.uffj.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2821104** e o código CRC **927C27DA**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e aos meus familiares, amigos e a todos que de alguma forma me incentivaram a continuar, não foi uma tarefa fácil, onde me deparei com diversas aflições, choros, porém, muitos momentos felizes e de conquistas.

Permanecer longe de casa é uma tarefa cruel às vezes, perder momentos em família, onde nos resta apenas acompanhar por fotos, a saudade às vezes aperta muito, porém, pude contar com uma rede de apoio que sempre irei guardar no coração.

Aos meus amigos, nossa turma onde passamos por diversos momentos, bons e ruins, a todos meu muito obrigada, em especial aos meus melhores amigos dessa jornada: Wictor Cristian e João Pedro, amigos esses que me ajudaram em momentos difíceis, nunca abrindo mão de estar comigo. Aos meus parentes, todos, que de alguma forma estiveram comigo, em especial a minha avó, Custódia Maria, onde jamais deixou de me incentivar, a minha tia Madalena e tio Felipe, onde sempre comemoraram comigo minhas conquistas, minha mãe Cleunita que mesmo de longe, sempre se fez presente, incentivando e ajudando, ao meu tio Cleonato e família, que me acompanhou e comemorou cada conquista comigo, nunca deixando de estar presente e do meu lado, aos meus primos Isaac e Derek, onde sempre foram minha maior fonte de alegria e amor.

RESUMO

Esta pesquisa analisa a evolução do empreendedorismo feminino no Brasil entre 2018 e 2024, com foco na participação das mulheres como donas de negócios. Para a análise, foram usados dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre donos de negócio, além de informações do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e do Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte (MEMP), organizadas em séries temporais por sexo, faixa etária, escolaridade, setor de atividade. Foram utilizados recortes temporais pré-COVID (2018-2019), pandêmico (2020-2021) e pós-COVID (2022-2024). Os resultados mostram um aumento de aproximadamente 9% no número de mulheres à frente de negócios entre 2018 e 2024, alcançando cerca de 10,4 milhões de empreendedoras, o que corresponde a cerca de um terço do total de donos de negócio no país, acompanhado de maior escolaridade média e ampliação da formalização. Embora com forte concentração em micro e pequenos empreendimentos do setor de serviços e manutenção de maior vulnerabilidade ao desemprego e a restrições de crédito em desvantagem aos homens. Apesar do crescimento expressivo do número de empreendedoras, persistem assimetrias em renda, formalização, acesso a crédito e inserção em setores de maior rentabilidade, o que evidencia a necessidade de políticas públicas específicas de apoio, inclusão financeira e redução de barreiras institucionais para ampliar seu potencial de desenvolvimento econômico e promoção de equidade.

Palavras-chave: empreendedorismo feminino; mercado de trabalho; informalidade.

ABSTRACT

This research analyzes the evolution of female entrepreneurship in Brazil between 2018 and 2024, focusing on women's participation as business owners. The analysis used data from the Continuous National Household Sample Survey (PNAD)/Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) on business owners, as well as information from the Brazilian Micro and Small Business Support Service (SEBRAE) and the Ministry of Entrepreneurship, Microenterprise and Small Business (MEMP), organized into time series by sex, age group, education level, and sector of activity. Pre-COVID (2018-2019), pandemic (2020-2021), and post-COVID (2022-2024) timeframes were used. The results show an increase of approximately 9% in the number of women leading businesses between 2018 and 2024, reaching about 10.4 million female entrepreneurs, which corresponds to about one-third of the total number of business owners in the country. This increase is accompanied by higher average education levels and greater formalization. Although there is a strong concentration in micro and small businesses in the service sector, women remain more vulnerable to unemployment and credit restrictions compared to men. Despite the significant growth in the number of female entrepreneurs, asymmetries persist in income, formalization, access to credit, and inclusion in higher-profitability sectors. This highlights the need for specific public policies to support financial inclusion and reduce institutional barriers to expand their potential for economic development and promote equity.

Keywords: female entrepreneurship; labor market; job market; informality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	11
3 METODOLOGIA.....	17
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

No campo da teoria econômica, o empreendedorismo é frequentemente associado à capacidade de identificar oportunidades, combinar recursos de forma inovadora e introduzir novos produtos, processos ou formas de organização nos mercados (Schumpeter, 1997, p.108). No contexto brasileiro, estudos como os de Dornelas (2016, p.12) apontam que o empreendedorismo ganhou relevância especialmente a partir da década de 1990, com a abertura econômica, o aumento da competitividade e a criação de políticas e instituições de apoio, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e a Sociedade Brasileira para Exportação de Software (SOFTEX).

O empreendedorismo feminino surge da combinação entre restrições estruturais no mercado de trabalho formal e estratégias de busca por autonomia econômica e flexibilidade temporal, priorizando independência e inovação, além do lucro financeiro, sendo distinto do masculino por diferenças em motivações, recursos e redes (Brush, De Bruin e Welter, 2009; De Bruin, Brush e Welter, 2007). Atualmente persistem barreiras como menor acesso a crédito, contatos e mercados dinâmicos, resultando em negócios de menor porte e renda (Sebrae, 2024), agravadas por sobrecarga doméstica e vínculos precários que posicionam o empreendedorismo como estratégia de sobrevivência e empoderamento (Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços/MEMP, 2023; Sebrae, 2025). Políticas públicas essenciais incluem microcrédito (Pronampe Feminino), capacitação (Sebrae), incentivos fiscais e redes de mentoria (Aldrich e Zimmer, 1986), cujos impactos internacionais mostram duplicação da sobrevivência empresarial e mais de 35% na escalabilidade por acesso a capital e suporte (Kelley, 2017; Brush, Cooper, 2012).

De acordo com o Global Entrepreneurship Monitor, o Brasil figura entre os países com maiores taxas de atividade empreendedora, com participação expressiva de mulheres em diferentes estágios de criação e gestão de negócios. Segundo dados do SEBRAE e da Pesquisa Global Entrepreneurship Monitor, o Brasil possui o maior número de mulheres empreendedoras no mundo, ocupando o sétimo lugar, sendo que, dos 52 milhões de empreendedores no país, 30 milhões (48%) são mulheres. Sobre a referência da empregabilidade por meio da representatividade feminina, cerca de 73% dos empreendimentos liderados por mulheres no Brasil empregam outras mulheres, contra apenas 21% dos empreendimentos liderados por homens. Do mesmo modo, no que se refere à sociedade de mulheres com negócio próprio, 44% têm apenas mulheres como sócias (GEM, 2019; Sebrae, 2022).

Uma característica marcante do empreendedorismo é a diversidade quanto aos motivos que levam indivíduos a empreender. O GEM (2025) classifica essas motivações em duas grandes categorias: empreendedorismo por oportunidade e por necessidade. O empreendedorismo por oportunidade ocorre quando se detecta uma lacuna de mercado ou potencial de crescimento, ou seja, é impulsionado por ideias inovadoras à produção de lucro e riqueza. O empreendedorismo por necessidade, por sua vez, ocorre quando se recorre ao negócio próprio diante da ausência de outras fontes de renda, pela escassez de alternativas no mercado de trabalho. Ambos funcionam como impulsionadores da economia, embora se diferenciam essencialmente no grau de aplicação de conhecimentos, inovação e capacidade de superar obstáculos, fatores diretamente ligados à longevidade do empreendimento.

É importante destacar que ambas as formas, sendo elas o empreendedorismo por oportunidade e necessidade, variaram significativamente ao longo do tempo, sendo o empreendedorismo por oportunidade predominante nas últimas décadas, mas, durante períodos agudos de crise, a outra categoria predomina. Em 2020, a pandemia do COVID-19 estimulou o surgimento de novos negócios decorrentes do desejo de flexibilidade, autonomia e reinvenção pessoal à luz das mudanças tecnológicas e comportamentais observadas na sociedade brasileira (Sebrae, 2022). Nesse período, o Brasil teve a maior variação da taxa de empreendedorismo em relação a outras economias, passando de 30%, em 2019, para 53%, em 2020 (GEM, 2019).

Com a superação do auge pandêmico, o perfil de empreendedores voltou a apresentar predominância da atuação por oportunidade, que correspondeu a 61,4% dos novos negócios em 2023 no Brasil (GEM, 2025). No contexto pós-pandêmico, o aumento substancial de 926,1 mil empresas em 2021, de acordo com IBGE (2024), em parte, busca a segurança financeira diante de elevados índices de desemprego e redução da renda laboral.

Ao examinar os dados em perspectiva histórica, verifica-se que os obstáculos ao empreendedorismo brasileiro transcendem conjunturas passageiras. Segundo Dornelas (2016), o cenário político e econômico do país não favorece a atividade empreendedora, de modo que os indivíduos que empreendem dispõem de poucas informações e quase nenhum suporte para essa trajetória.

Barreiras estruturais, incluindo ausência de planejamento financeiro apropriado, deficiências gerenciais, concorrência intensa, elevada carga tributária e restrições ao crédito, configuram entraves persistentes à longevidade dos negócios. Esses elementos são consistentemente identificados em estudos oficiais como principais causas da alta mortalidade

empresarial, com cerca de 29% dos MEIs e 21,6% das microempresas encerrando atividades após cinco anos, especialmente no comércio (30,2%) (Sebrae, 2020).

Essas barreiras estruturais não apenas comprometem a sobrevivência dos empreendimentos em geral, como também incidem de forma ainda mais intensa sobre negócios liderados por mulheres, que se concentram majoritariamente em micro e pequenas atividades de serviços, com menor capitalização, alta informalidade e maior vulnerabilidade a oscilações de demanda e crédito de acordo com Sebrae (2025). O crescimento do empreendedorismo pode, então, coexistir com fragilidades persistentes. Nesse contexto, compreender em que medida o recente dinamismo do empreendedorismo feminino representa resposta adaptativa a tais limitações ou sinaliza efetiva mudança de patamar em termos de qualificação, formalização e inserção produtiva torna-se fundamental para formular diagnósticos consistentes sobre sua sustentabilidade no médio e longo prazo.

Em particular, é importante compreender se o expressivo crescimento do empreendedorismo feminino no Brasil, que alcançou 10,4 milhões de empreendedoras em 2024 (aumento de 9% desde 2018), conforme dados da PNAD Contínua (IBGE, 2024), tem sido acompanhado por transformações estruturais ou se continua guiado por necessidade, diante de um mercado de trabalho restritivo. É fundamental, portanto, examinar não apenas a magnitude do crescimento do empreendedorismo, mas também suas características demográficas, educacionais, setoriais e institucionais. Assim, surge a pergunta de pesquisa central deste estudo: quais são as principais características demográficas, educacionais, setoriais e de formalização do empreendedorismo feminino no Brasil entre 2018 e 2024, considerando os períodos pré-COVID (2018-2019), durante a pandemia (2020-2021) e pós-COVID (2022-2024)?

A escolha desses períodos justifica-se pela ocorrência de mudanças econômicas e institucionais associadas à pandemia da Covid-19, que afetaram o mercado de trabalho, o acesso ao crédito, os padrões de formalização e as estratégias de geração de renda, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2024). Assim, o período pré-pandêmico serve como referência inicial, o período pandêmico captura respostas adaptativas à pandemia e o período seguinte permite identificar se alterações observadas foram persistentes ou transitórias.

Esta questão justifica-se pela necessidade de compreender se tal expansão quantitativa reflete avanços qualitativos (maior escolaridade, formalização) ou perpetua vulnerabilidades (concentração em micro serviços, restrições de crédito), orientando políticas públicas para

inclusão produtiva e equidade. Este estudo visa contribuir para compreensão dos principais desafios do empreendedorismo feminino e além disso, possibilitar um entendimento acerca desse assunto, visto que há um crescimento nos percentuais de mulheres no empreendedorismo e desafios que se perpetuam ao longo do tempo. Ademais, os resultados dessa pesquisa, poderão também orientar outros empreendedores, a fim de alcançar resultados mais satisfatórios em seus empreendimentos, melhorando a sua permanência e efetividade na gestão dos negócios, fomentando a adesão de novas mulheres na gestão de micro e pequenas empresas, e auxiliando no entendimento de possíveis problemas a serem enfrentados e políticas que podem o auxiliar em tais dificuldades.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Ao longo da história, a organização econômica e social brasileira foi marcada por uma divisão sexual do trabalho que associou aos homens o papel de provedores e às mulheres a responsabilidade pelas atividades domésticas e de cuidado, restringindo a inserção feminina nos espaços produtivos e decisórios (Hirata, Kergoat, 2007). Estudo do IBGE (2024) reforça isso, ao mostrar que há uma maior porcentagem de responsabilidade da mulher em relação a afazeres doméstico e indicar que as mulheres, com frequência, enfrentam condições mais restritivas de emprego. Autores como Saffioti (2015) destacam que a naturalização desses papéis de gênero contribuiu para manter as mulheres em ocupações menos valorizadas e mais precárias, mesmo com a expansão dos direitos sociais e trabalhistas.

O conceito de empreendedorismo, conforme evoluído historicamente e destacado por Shane (2012), abrange tanto o tipo por oportunidade, voltado à inovação e geração de riqueza, quanto por necessidade, essencial para a sobrevivência econômica diante da falta de alternativas laborais, ambos impulsionando o desenvolvimento nacional como enfatiza Freitas (2023, p. 73). Contudo, Machado (2024) mostra, por meio de revisão de 102 artigos (publicados entre 1970 e 2022), que, no contexto do empreendedorismo feminino brasileiro, tais dinâmicas se revelam profundamente assimétricas, não por diferenças de motivação (oportunidade ou necessidade), mas por barreiras socioestruturais como discriminação institucional no acesso a capital, segregação setorial em serviços de baixa rentabilidade e sobrecarga familiar, que restringem as empreendedoras a microempresas de menor escala e rendimento em comparação aos homens. Assim, enquanto o empreendedorismo em geral fomenta inovação e crescimento econômico, sua manifestação feminina enfrenta obstáculos estruturais que limitam o aproveitamento pleno desses impulsionadores, perpetuando desigualdades de gênero no processo inovador descrito por Silveira (2021).

Para Fillion (1999), o empreendedor é aquele que possui criatividade, conseguindo detectar oportunidades de negócios, tomar decisões de riscos e ser uma pessoa de visão. Nessa linha de pensamento, Schumpeter (1997) diz que o empreendedor é um inovador ao combinar recursos de uma maneira nova e original. Ainda de forma semelhante, Drucker (1986) comenta que a inovação é o instrumento específico dos empreendedores. Para o autor, os empreendedores precisam buscar a inovação, conhecer seus princípios e colocá-los em prática. Já Kassai (1996) destaca as características mais presentes em pesquisas que procuram examinar o perfil do empreendedor: necessidade de auto realização, necessidade de

desenvolver sua criatividade, autoconfiança, dedicação, busca de conhecimento, iniciativa, independência e disposição para assumir riscos. Pedroso, Massukado, Mussi (2009) examinam a interseção entre o "jeitinho brasileiro" caracterizado por improvisação, esperteza e adaptação normativa e o perfil empreendedor, identificando convergências como força de vontade, foco em valor e tolerância a riscos, com base em revisão bibliográfica e dados do GEM, embora alertem para potenciais negativos como informalidade.

Uma pesquisa realizada pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, juntamente com Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte (MEMP, 2023), compreendeu que o empreendedorismo feminino, em muitos casos, não decorre apenas de uma estratégia orientada à inovação ou de uma vontade para os negócios, mas de estratégias de sobrevivência diante da insuficiência de rendas formais, dos vínculos precários e da persistente desigualdade de gênero no mercado de trabalho. Nazário et al (2024) destacam que a independência financeira, autonomia e conciliação entre trabalho e família como principais impulsionadores para mulheres jovens atuando informalmente em serviços relacionados a área da beleza. Nesse contexto, a atividade empreendedora passa a representar simultaneamente um mecanismo de geração de renda e um espaço de construção de autonomia, ainda que marcado por sobrecarga, instabilidade e pela necessidade de conciliar tempos produtivos e reprodutivos sob condições frequentemente desfavoráveis de acordo com SEBRAE (2025).

Analisar as desigualdades de gênero no empreendedorismo apresenta desafios significativos, dada a complexidade do tema e o reconhecimento de que tais desigualdades se entrecruzam e potencializam outras dimensões sociais e econômicas de classe, raça, etnia, geração ou capacidades físicas (Alves; Correa, 2009, p. 132). Esse emaranhado de fatores exige a necessidade de desenvolver ou aprimorar variáveis e indicadores que permitam diagnosticar melhor as condições sociais e econômicas de pessoas ou famílias em maior situação de vulnerabilidade (Pirani; Costa; Marguti, 2017, p. 86). Estudo da XPI Investimentos (2018) revela que mulheres enfrentam significativa probabilidade de desaprovação de acesso ao crédito em comparação aos homens, com probabilidade de aprovação de 67% contra 78% para o público masculino, além de juros 12-18% mais elevados nas operações concedidas. O score de crédito médio, que indica um risco moderado de inadimplência para instituições financeiras, das mulheres é de 682 pontos (vs. 712 dos homens), resultando em limites médios concedidos de R\$ 18.450 contra R\$ 25.670, com taxa de rejeição de 33% (vs. 22% para homens), evidenciando discriminação algorítmica e

barreiras estruturais analisadas em amostra de 15 milhões de Cadastro de Pessoa Física (CPF) ativos.

Nesse sentido, os resultados da XPI Investimentos nos mostram como essas desigualdades interseccionais se traduzem em métricas objetivas de risco e acesso ao sistema financeiro, produzindo um padrão de exclusão que não pode ser explicado apenas por características individuais das tomadoras. A combinação de menor acesso a crédito, juros mais altos e maior taxa de rejeição para mulheres indica que os indicadores hoje utilizados pelas instituições incorporam e reproduzem vieses de gênero e classe.

Com conclusões similares, a Pesquisa do Instituto Rede Mulher Empreendedora (IRME, 2025) evidencia que o acesso desigual a capital representa barreira socioestrutural central para empreendedoras brasileiras, com estudos recorrentes identificando discriminação institucional, segregação setorial em serviços de baixa rentabilidade e sobrecarga familiar que restringem crédito e investimentos, analisados em revisão sistemática de 102 artigos nacionais (1970-2022). Essa assimetria reforça a concentração feminina em microempresas, perpetuando menor escala e renda frente aos homens, essa assimetria contribui para a concentração das mulheres em microempresas, perpetuando empreendimentos de menor escala e renda em comparação aos homens.

Além das barreiras financeiras, a pesquisa do IRME (2025) também destaca que aspectos demográficos como a idade revelam padrões distintos no perfil das empreendedoras brasileiras, influenciados por trajetórias de vida e responsabilidades acumuladas. Essa dimensão etária complementa a análise das assimetrias estruturais, mostrando como mulheres tendem a ingressar no empreendedorismo em fases mais maduras da vida, após experiências profissionais prévias e obrigações familiares.

Minniti (2010, p.302) identifica que variáveis perceptuais subjetivas são determinantes relacionadas ao gênero do empreendedor, com mulheres exibindo menor autoconfiança nas habilidades (41% vs. 58% dos homens), reduzida percepção de oportunidades locais (33% vs. 41%) e maior receio de fracasso (40% vs. 33%), conforme análise de 59.304 indivíduos em 34 países via GEM 2004. Esses fatores exercem influência superior às variáveis demográficas objetivas, ampliando o diferencial especialmente em economias de renda média (disparidade de 75%).

Esses vieses perceptuais subjetivos identificados por Minniti (2010), que afetam desproporcionalmente mulheres em economias de renda média como o Brasil, encontram eco direto na dinâmica nacional descrita por Gimenez, Ferreira e Ramos (2017), onde a expansão

do empreendedorismo feminino mantém-se concentrada em empreendimentos de pequeno porte, vinculados ao setor de serviços, com lenta diversificação. Embora Gimenez, Ferreira e Ramos (2017) identifiquem uma tendência positiva e gradual de diversificação e formalização nos empreendimentos femininos, essa visão otimista pode subestimar a magnitude das barreiras estruturais, que mantêm 73% das empreendedoras em negócios de pequeno porte com baixa absorção de mão de obra, conforme dados mais recentes do SEBRAE (2020).

A interação entre menor autoconfiança, receio de fracasso e segregação setorial limita a transição para modelos mais escaláveis, embora iniciativas como a economia solidária apontem caminhos alternativos, promovendo inclusão via cooperativas e princípios de equidade, apesar da invisibilidade estatal e falta de políticas públicas específicas (Cineglaglia; Friede; Cavalcanti, 2021). Os autores citados anteriormente argumentam, que a dinâmicas informais por falta de escala e visibilidade estatal, funcionando mais como paliativo do que solução transformadora para a dupla jornada evidenciada pela PNAD. Assim, a elevada proporção de mulheres chefes de domicílio que empreendem (Sebrae, 2020) não sinaliza apenas autonomia (Rosa; Orelanna; Menezes, 2020), mas também a precariedade de um modelo que transforma necessidade familiar em estratégia econômica sem alterar as assimetrias fundamentais de gênero.

Dados da PNAD revelam que mais da metade das mulheres donas de negócio no Brasil administram seus empreendimentos enquanto assumem a responsabilidade principal ou única pelo sustento familiar, evidenciando a dupla carga de trabalho que caracteriza o perfil das empreendedoras nacionais (Sebrae, 2020). Essa condição de chefia de domicílio aumenta significativamente a probabilidade de uma mulher empreender, conforme estudos que identificam essa relação direta entre necessidade de prover a família e busca por autonomia econômica (Rosa; Orelanna; Menezes, 2020). Isso reforça o entendimento do empreendedorismo como uma resposta à vulnerabilidade econômica.

Segundo Sen (2000), o desafio que persiste na desigualdade entre os gêneros, reside em fortalecer o “papel ativo da condição de agente das mulheres”, pois, assim, irá promover seu empoderamento e autonomia por meio da criação de condições que as posicionem como sujeitos sociais ativos. Isso envolve não apenas combater as injustiças que comprometem seu bem-estar, mas também considerar que a independência econômica e a emancipação social são fundamentais para tal. Implicitamente, trata-se de garantir suas liberdades de escolha, permitindo que trabalhem fora do lar, possuam direitos de propriedade, alcancem alfabetização e participem de forma informada das decisões familiares e sociais.

Uma pesquisa recente do SEBRAE (2024), com 734 empreendedoras clientes do SEBRAE, realizada entre 25 de janeiro e 9 de fevereiro de 2024, revela que apenas 22% delas buscaram crédito no último ano, das quais 78% obtiveram financiamento com sucesso. Comparações nacionais destacam assimetrias persistentes em relação aos homens: no Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado (PNMPO), mulheres representam 67% dos tomadores (3 milhões), superando os 33% dos homens, mas enfrentam taxas de juros até 22 pontos percentuais mais altas (ex.: 58,5% a.a. para mulheres vs. 36,4% para homens em Sergipe) e valores médios de empréstimos R\$ 13 mil menores, conforme estudos do Instituto Rede Mulher Empreendedora (IRME, 2025). Essa disparidade reflete barreiras como percepção maior de risco, falta de garantias e sobrecarga familiar, embora empreendedoras demonstrem maior adimplência, demandando políticas como Pronampe e linhas garantidas pelo Fampe para equacionar o acesso.

Esses dados evidenciam que o problema não se restringe ao volume de crédito tomado, mas à qualidade das condições oferecidas às empreendedoras, indicando um padrão de acesso mais caro, fragmentado e de menor porte mesmo quando há demanda efetiva e histórico de bom pagamento. Em vez de traduzirem apenas escolhas individuais “mais cautelosas” por parte das mulheres, as diferenças em juros, limites e exigências apontam para um viés estrutural nos mecanismos de avaliação de risco e desenho dos produtos financeiros, que reproduz desigualdades de gênero já presentes no mercado de trabalho e na distribuição patrimonial.

Os principais desafios das mulheres no acesso a crédito, comparados aos homens, incluem taxas de juros mais elevadas, valores de empréstimos menores e aprovação mais restritiva. Esses obstáculos derivam de falta de garantias reais (menos patrimônio em nome próprio) de acordo com a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (2024), processos burocráticos complexos e dupla jornada de trabalho, enquanto homens beneficiam-se de maior confiança institucional e acesso a redes de apoio.

A implementação de políticas públicas para fortalecer o empreendedorismo feminino pode se dar por múltiplas frentes. Linhas de microcrédito específicas, como o Pronampe Feminino com garantias solidárias, programas de capacitação gratuita do SEBRAE em gestão financeira e digital para MEIs, e incentivos fiscais à formalização de mulheres chefes de domicílio são medidas essenciais atualmente. Aldrich e Zimmer (1986 p. 20) discutiram a importância das redes no empreendedorismo, destacando que a falta de uma rede de apoio

adequada pode deixar os empreendedores sem acesso a mentores, parceiros ou oportunidades de mercado.

Adicionalmente, redes de mentoria intersetorial e reformas na disponibilidade de crédito do Banco Central para eliminar vieses de gênero potencializam a transição do empreendedorismo por necessidade para oportunidade. Estudo internacional como Kelley (2017) demonstra que políticas de acesso à capital dobram a taxa de sobrevivência de negócios femininos e já evidenciam que capacitação e redes de apoio elevam em 35% a escalabilidade de empreendedoras.

Observa-se então, que o empreendedorismo feminino apresenta características singulares na gestão dos negócios. Elementos como a capacidade de persuasão, sensibilidade, criatividade, organização e resiliência são frequentemente associados à forma como as mulheres conduzem suas atividades empresariais, pautadas por empatia e forte compromisso com clientes e fornecedores, de acordo com SEBRAE (2024). Por fim, Rietveld e Patel (2022) corroboram a persistência de desigualdades estruturais no empreendedorismo feminino, demonstrando que em países com maior desigualdade de gênero o envolvimento feminino em Total Early-Stage Entrepreneurial Activity (Atividade Empreendedora Total em Estágio Inicial) (TEA) é 37% inferior ao masculino (coef. -0,142), efeito atenuado pela igualdade econômica e política que reduz o acesso a crédito, para níveis próximos à paridade, baseado em 1,9 milhão de indivíduos de 97 países.

Em síntese, a literatura revisada neste capítulo demonstra que o crescimento do empreendedorismo feminino no Brasil não pode ser interpretado meramente como igualdade de oportunidades ou empoderamento econômico. Embora tenham existido avanços, as trajetórias de empreendedorismo muitas vezes permanecem atreladas a desigualdades estruturais de gênero, expressas na divisão sexual do trabalho, no acesso desigual ao crédito, na segregação setorial, dentre outros. Nesse sentido, os estudos sugerem que o empreendedorismo feminino se configura mais como uma estratégia adaptativa (por necessidade) e torna-se evidente a necessidade de uma análise empírica que inclua diferentes características desse crescimento. O próximo capítulo detalhará a metodologia que será usada neste trabalho.

3 METODOLOGIA

Este estudo analisa a evolução do empreendedorismo feminino no Brasil entre 2018 e 2024 por meio de estatísticas descritivas, método adequado para identificar padrões, tendências e assimetrias. O período analisado foi selecionado por capturar três fases distintas do empreendedorismo feminino no Brasil, permitindo avaliar a resiliência e adaptação desse fenômeno frente a choques econômicos e sociais. O intervalo pré-COVID (2018-2019) representa um cenário de relativa estabilidade macroeconômica. A fase pandêmica (2020-2021) caracteriza-se pela aceleração da motivação do empreendedorismo por necessidade diante do desemprego. Por fim, o pós-COVID (2022-2024) reflete um contexto de recuperação econômica e permite avaliar se as alterações do período pandêmico foram persistentes.

A problemática central desta monografia reside na aparente contradição, identificada na revisão de literatura, entre o expressivo crescimento quantitativo do empreendedorismo feminino no Brasil e a persistência de vulnerabilidades estruturais que comprometem sua sustentabilidade e impacto econômico. Apesar de avanços como maior escolaridade média e formalização, as mulheres concentram-se em microempresas de serviços de baixa rentabilidade, enfrentam restrições severas ao crédito e sobrecarga doméstica.

Assim, para a análise, foram usados dados de participação de mulheres como donas de negócios, condição na ocupação, situação cadastral, formalização, rendimento do trabalho, setor de atividade, faixa etária e escolaridade, conforme Tabela 1. Essas variáveis foram destacadas, na revisão de literatura, como importantes para o estudo do empreendedorismo contextualizando com noções de desigualdades de gênero. Elas permitem mapear as características estruturais do empreendedorismo feminino analisadas no texto, conectando dados empíricos (Pnad/Ibge; Sebrae) às assimetrias de gênero discutidas.

A principal fonte de dados é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), abrangendo séries históricas trimestrais de pessoas ocupadas como donas de negócio. Esses dados foram complementados por relatórios do Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte (MEMP, 2024) e indicadores do SEBRAE (2024) sobre abertura/fechamento de empresas e perfil demográfico de empreendedores, permitindo maior robustez na análise

Tabela 1 – Variáveis utilizadas

Variáveis	Categoria	Fonte	Período
Sexo	Masculino/ Feminino	IBGE 2024B	2018-2024
Faixa etária	0-25 anos; 25-29 anos; 30-39 anos; 40-49 anos	GEM 2024B	2018-2024
Escolaridade	Fundamental incompleto/completo médio ou superior	SEBRAE 2024B	2018-2024
Taxa de desemprego	Taxa (%)	IBGE	2018-2024
Horas de trabalho doméstico	Horas/semana	IBGE 2024A	2018-2019, 2022-2023
Condições de crédito	Taxa de juros; Inadimplência; Volume de crédito	SEBRAE / IRME	2018-2024
Recusa de oportunidade de trabalho	Sim/Não	IBRE-IFGV	2025

Fonte: Elaboração própria (2025)

A escolha das variáveis e fontes empíricas dialoga diretamente com os principais achados da revisão de literatura, ao operacionalizar em dados mensuráveis as desigualdades de gênero, as barreiras de acesso a crédito e a concentração setorial apontadas por autoras e autores como Hirata e Kergoat (2007), Saffioti (2015), Minniti (2010), Gimenez, Ferreira e Ramos (2017), bem como pelos estudos recentes do SEBRAE, IPEA e IRME sobre empreendedorismo feminino no Brasil. A análise por faixa etária e escolaridade possibilita identificar se o perfil das empreendedoras brasileiras corresponde ao padrão de ingresso tardio e maior qualificação. A distribuição setorial e o grau de formalização permitem avaliar a persistência de segregação em comércio e serviço de baixa rentabilidade. Dessa forma, a análise descritiva permite avaliar empiricamente se o crescimento do empreendedorismo feminino entre 2018 e 2024 se configura como expressão de empoderamento econômico ou como resposta adaptativa às vulnerabilidades estruturais discutidas na revisão, especialmente a dupla jornada, a informalidade e as restrições de crédito enfrentadas pelas mulheres.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo apresenta a análise dos resultados empíricos, examinando como o empreendedorismo feminino se distribui ao longo do tempo e entre diferentes perfis demográficos, ocupacionais e produtivos.

Como mostra a Tabela 2, dos 30,4 milhões de donos de negócios no país, 10,4 milhões são mulheres empreendedoras, representando um crescimento de aproximadamente 9% entre 2018 e 2024.

Tabela 2 – Mulheres Donas de Negócios no quarto trimestre no Brasil 2018-2024

Ano	Mulheres Donas de Negócios (Milhões)	Variação anual (%)
2018	9,5	3,1%
2019	9,8	1,4%
2020	8,9	8,6%
2021	10,1	2,6%
2022	10,3	0,8%
2023	10,1	1,3%
2024	10,4	2,9%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do IBGE (2024B).

Para compreender as características desse crescimento, a Tabela 3 apresenta a evolução da taxa de participação no mercado de trabalho por sexo entre 2018 e 2024. Os dados revelam taxas de participação feminina persistentemente inferiores às masculinas, em níveis estáveis em 3,1-1,4% pré-pandemia, com retração para 8,6% em 2021 e retomada para 0,8% no período pós-pandemia, nível inferior ao período pré-pandemia. Isso sugere que restrições estruturais ao emprego formal pode impulsionar o empreendedorismo, especialmente como estratégia adaptativa, alinhando-se às motivações por necessidade discutidas na introdução e aos obstáculos persistentes apontados por Dornelas (2016).

Tabela 3 – Taxa de participação no mercado de trabalho por sexo, 4º Trimestre de cada ano
2018-2024

Ano	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Mulher	33,8%	34,1%	33,1%	34,0%	34,5%	33,9%	34,1%
Homem	66,2%	65,9%	66,9%	66,0%	65,5%	66,1%	65,9%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do IBGE (2024B).

Essa dinâmica macroeconômica se reflete diretamente no perfil das empreendedoras, cuja distribuição etária, apresentada na Tabela 4 para os primeiros trimestres de 2018-2024, revela predominância nas faixas de 30-39 anos. Isso é consistente com o resultado de que mulheres em fases de maior maturidade e responsabilidade familiar optam por negócios próprios como estratégia de conciliação entre trabalho remunerado e obrigações domésticas (Sebrae, 2023). Assim, a transição da participação agregada no mercado para a composição etária específica dos empreendedores ilustra como as restrições estruturais do emprego formal, discutidas por Hirata e Kergoat (2007), impulsionam trajetórias empresariais distintas por gênero, com mulheres ingressando no empreendedorismo após experiências prévias de trabalho e em idades que coincidem com picos de sobrecarga reprodutiva.

Tabela 4 – Distribuição etária das mulheres empreendedoras no Brasil (4º trimestre, 2018-2024)

	De 0	De 25	De 30	De 40
Ano	até 24 anos	até 29 anos	até 39 anos	até 49 anos
2018	7,7%	10,7%	26,8%	24,8%
2019	8,3%	10,6%	27,0%	24,4%
2020	7,7%	11,4%	27,6%	25,1%
2021	8,4%	11,2%	27,7%	23,5%
2022	7,9%	11,0%	27,8%	23,8%
2023	7,4%	11,3%	27,0%	24,5%
2024	7,1%	10,1%	27,0%	24,8%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados de GEM (2024B).

Enquanto esses dados refletem trajetórias de ingresso após experiências e responsabilidades familiares, a Tabela 5 mostra a evolução da distribuição por escolaridade

das empreendedoras nos primeiros trimestres de 2018-2024, revelando uma tendência clara de qualificação crescente: a proporção com fundamental incompleto caiu de 21,20% para 14,50%, enquanto o ensino médio completo subiu de 34,30% para 37,90% e o superior completo avançou de 28,90% para 37,50%. Esses dados indicam que nessa fase olham o empreendedorismo como alternativa viável às restrições do emprego formal discutidas anteriormente. Então, a entrada mais gradual das jovens na condição de donos de negócio, observada na Tabela 3, possivelmente se explica por um ingresso no empreendedorismo após conclusão de níveis mais elevados de escolaridade.

Tabela 5 – Distribuição por escolaridade de mulheres empreendedoras no Brasil, em percentual (4º trimestre, 2018-2024)

Trimestre/Ano	Até Fundamental incompleto	Fundamental completo	Médio completo	Superior incompleto ou mais
1/2018	21,2	13,7	34,3	28,9
1/2019	19,3	14,3	35,6	29,1
1/2020	16,4	13,4	36,4	32,4
1/2021	17,4	14,1	35,8	30,9
1/2022	16,7	12,7	36,9	31,8
1/2023	15,3	12,8	37,2	33,0
1/2024	14,5	11,5	37,9	34,5

Fonte: Sebrae (2024B)

Ao considerar o tempo médio de trabalho remunerado e não remunerado, verifica-se que as mulheres dedicam aproximadamente 10 horas adicionais em comparação aos homens. Essa sobrecarga, persistente entre 2018 e 2024, com a ressalva de que não há dados nos anos de 2020 e 2021, limita diretamente a disponibilidade das empreendedoras para expansão de negócios, cursos de qualificação e horas extras, reforçando barreiras como menor acesso a crédito e escalabilidade, conforme Pinto (2020), e limitando a escalabilidade dos negócios femininos de acordo com Hirata e Kergoat (2007).

Tabela 6 – Média de horas dedicadas aos afazeres domésticos e cuidados por sexo, 2018-2024

	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Mulher	21,5	21,6	-	-	21,3	24,5	21,6
Homem	10,9	11	-	-	11,7	13,7	11,7
Variação	10,6	10,6	-	-	9,6	10,8	9,9

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados de IBGE (2024A)

Autores atuais como, Lima (2018), reforçam que a mulher ainda enfrenta uma série de diferenciações nos âmbitos profissionais e sociais, assim como já foi visto, há uma cultura sexista prevalente que abrange a diferenciação salarial entre homens e mulheres e a destinação, ao trabalho informal, mal remunerado e não qualificado, não reconhecido e dotado de preconceito conforme demonstrado nos dados do Tribunal Superior do Trabalho (TST, 2023), devido tais disparidades e problema enfrentados, podemos analisar também o percentual de mulheres e homens que tiveram que recusar ou deixar de lado alguma oportunidade de trabalho devido responsabilidades domésticas.

Tabela 7 – Percentual de homens que tiveram que recusar ou deixar de lado uma oportunidade de trabalho ou promoção por causa das suas responsabilidades domésticas, 2025

	Homem	Mulher
Sim	15%	30%
Não	85%	70%

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados do IBRE-FGV 2025

A Tabela 7 compara o percentual de homens (15%) e mulheres (30%) que recusaram ou deixaram de lado oportunidades de trabalho ou promoção por responsabilidades domésticas. Esse dado quantifica de forma impactante a dupla jornada como entrave à ascensão profissional feminina, em um cenário em que mulheres são direcionadas ao trabalho informal mal remunerado (Sebrae, 2024; Lima, 2018). Esse dobro de impacto nas mulheres não reflete mera escolha individual, mas reproduz desigualdades estruturais que alimentam a migração para o empreendedorismo autônomo.

A Tabela 8, que ilustra a taxa de desemprego entre homens e mulheres conforme dados do IBGE (2024), evidencia de forma clara a maior vulnerabilidade feminina no mercado formal de trabalho, com taxas persistentemente mais elevadas e picos acentuados durante crises como a pandemia, conectando-se diretamente às assimetrias estruturais discutidas anteriormente. Essa disparidade reforça o crescimento do empreendedorismo feminino como estratégia adaptativa por necessidade, impulsionada por restrições ao emprego formal e oscilações econômicas, embora limitada por barreiras como menor acesso a crédito e concentração em microempreendimentos de serviços.

Tabela 8 – Taxa de desemprego entre homens e mulheres, 2018-2024

	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Homem	10	9,2	11,9	9,0	6,5	6	5,1
Mulher	13,8	13,4	17,2	13,9	9,8	9,2	7,5
Variação	3,8	4,2	5,3	4,6	3,3	3,2	2,4

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados de IBGE (2024A)

A Tabela 9, registra a dinâmica de abertura e fechamento de empresas no primeiro quadrimestre de 2018 a 2024, revelando padrões distintos nos períodos pré-COVID (2018-2019), durante a pandemia (2020-2021) e pós-COVID (2022-2024). No pré-COVID, observa-se crescimento robusto das aberturas (547,8 mil em 2018 para 739,5 mil em 2019), apesar da greve dos caminhoneiros que impactou o saldo líquido. Durante a pandemia (2020-2021), as aberturas aceleraram (~800 mil e ~1.000 mil), superando fechamentos (~400 mil e ~500 mil), refletindo empreendedorismo por necessidade. No pós-COVID (2022-2024), registra-se recorde histórico com 1.457 mil aberturas em 2024 (+26,5% vs 2023), embora fechamentos também subam (854 mil), mantendo saldo positivo de +603 mil empresas.

Tabela 9 – Histórico de abertura e fechamento de empresas no primeiro quadrimestre (2018 a 2024), em milhares

Ano	Abertura	Fechamento
2018	876.430	1.729.872
2019	1.049.707	400.877
2020	1.051.839	358.737
2021	1.395.364	444.997
2022	1.353.250	547.809
2023	1.334.491	739.464
2024	1.458.958	854.150

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados de MEMP (2024)

Ao longo do período analisado (2018-2024), a Tabela 9 demonstra crescimento sustentado na dinâmica empresarial brasileira, com aberturas saltando de 876 mil (2018) para recorde de 1.457 mil em 2024 (+166% acumulado). O saldo líquido positivo evoluiu de +876 mil para +1.457 mil empresas, com uma diminuição de 1.730 mil para 854 mil. Essa trajetória reflete resiliência empreendedora frente a adversidades – greve dos caminhoneiros (2018), pandemia (2020-2021) e recuperação pós-COVID – impulsionada principalmente por microempreendedores (97,5% das aberturas, MEMP 2024).

Em 2021, mesmo durante a pandemia de COVID-19, o Brasil registrou aumento considerável na formalização de Microempreendedores Individuais (MEIs), impulsionado pela alta taxa de desocupação (13,7%, ou 12,9 milhões de pessoas) de acordo com Agência Brasil (2020), levando trabalhadores a buscarem renda autônoma via empreendedorismo, especialmente em setores como alimentação (marmitas, padarias) e entregas (Sebrae, 2022). Esse ambiente favorável elevou a média de aberturas em relação a 2018-2019, apoiado por medidas fiscais e linhas de crédito governamentais como a criação e posterior transformação do Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe) em política permanente.

Tais programas sociais, oferecem crédito subsidiado com juros limitados à taxa Selic acrescida de até 6% ao ano, prazos de até 48 meses e até 11 meses de carência para micro e pequenas empresas, incluindo muitos MEI que migraram de estágio inicial para formas mais

estruturadas de negócio (Lei Lei nº 13.999/2020), além disso, o governo federal e o Comitê Gestor do Simples Nacional prorrogaram o recolhimento de tributos federais e do Simples Nacional (incluindo DAS-MEI) por alguns meses de 2020.

A Tabela 10 compara condições de crédito entre empreendedoras e empreendedores, em 2024. Apesar de maior adimplência feminina, as mulheres enfrentam taxas de juros mais elevadas e recebem menor volume de crédito, refletindo vieses institucionais que penalizam mulheres, ampliando a diferença no trabalho doméstico não remunerado e limitando investimentos para expansão, perpetuando microempreendimentos vulneráveis. Essa conexão reforça que barreiras como falta de garantias patrimoniais (SEBRAE, 2024) e percepção de risco elevada derivam diretamente da dupla jornada, demandando políticas que integrem apoio à maternidade com inclusão creditícia equitativa.

Tabela 10 – Comparação de condições de crédito: empreendedoras e empreendedores homens (2024)

Indicador	Mulheres	Homens	Fonte
Taxa de juros a.a	40,6%	36,8%	SEBRAE 2024
Inadimplência	7,6%	7,1%	SEBRAE 2024
% do crédito total	29,4%	70,6%	SEBRAE Q1 2024
Valor médio de empréstimo	-R\$ 13 mil	Base de 100%	SEBRAE/ CNDL

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados de SEBRAE (2024A)

Em síntese, os resultados indicam que o avanço do empreendedorismo feminino no Brasil entre 2018 e 2024 combina crescimento expressivo no número de donas de negócio com desigualdades estruturais de gênero. O perfil dessas mulheres empreendedoras é marcado por maior escolaridade e uso do negócio próprio como estratégia de conciliação entre trabalho remunerado e responsabilidades domésticas. Ao mesmo tempo, as tabelas e gráficos apresentados mostram que esse dinamismo ocorre em um contexto de vulnerabilidade persistente, no qual a menor participação feminina no mercado de trabalho formal, a exposição a choques econômicos e a concentração em microempreendimentos de serviços limitam a escalabilidade e a segurança desses negócios, reforçando o caráter adaptativo e desigual do empreendedorismo feminino no Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados evidencia que o empreendedorismo feminino no Brasil apresentou crescimento significativo, tanto em termos absolutos quanto relativos. Porém, os números mostram que, embora o volume de mulheres à frente de negócios tenha aumentado de forma expressiva, sua participação no total de empreendedoras permanece relativamente constante.

Além disso, os resultados mostram a permanência de fortes condicionantes estruturais de gênero, refletidos em maiores taxas de desemprego, menor acesso ao crédito, menor formalização relativa e concentração em micro e pequenos empreendimentos de serviços, mais vulneráveis a oscilações econômicas e restrições financeiras quando comparados aos negócios liderados por homens.

A análise do empreendedorismo feminino no Brasil entre 2018 e 2024 revela trajetórias distintas nos recortes pré-COVID (2018-2019), durante a pandemia (2020-2021) e pós-COVID (2022-2024), com crescimento de 9% no número de empreendedoras, alcançando 10,4 milhões em 2024. No período pré-crise, observou-se consolidação gradual com taxas estáveis de participação feminina no mercado (53-54%) e ingresso em faixas etárias maduras (35-45 anos); durante a COVID, a retração para 50% na participação laboral e desemprego elevado (13,7%) catalisaram o empreendedorismo por necessidade, acelerado por MEIs e Pronampe; já no pós-pandemia, houve recuperação com maior formalização e escolaridade média, embora persistem assimetrias estruturais como dupla jornada (10h/semana a mais para mulheres), restrições de crédito e concentração em micro serviços. Esses padrões evidenciam o empreendedorismo feminino como estratégia adaptativa de empoderamento econômico.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa apresenta como principais limitações a abordagem exclusivamente descritiva, que impede análises causais, longitudinais ou regionais detalhadas; a ausência de recortes interseccionais por raça, renda ou localização geográfica, que limita a compreensão de desigualdades compostas; e a falta de indicadores de desempenho econômico (rentabilidade, crescimento real), que restringe a avaliação da viabilidade sustentável dos empreendimentos femininos.

Futuros trabalhos devem incorporar análises longitudinais com painéis de empreendedoras para testar causalidade entre escolaridade/formalização e sobrevivência, explorar interseccionalidades (mulheres negras/periféricas) e impacto de políticas como Pronampe Feminino via estudos quasi-experimentais, investigar modelos escaláveis (startups femtechs) e redes de apoio digital para superar barreiras creditícias e dupla jornada.

Por fim, a pesquisa indica que liberar plenamente o potencial transformador do empreendedorismo feminino exige um conjunto articulado de políticas públicas e ações institucionais voltadas à redução das assimetrias de gênero no acesso a recursos produtivos, mercados e proteção social. Medidas como linhas de crédito desenhadas para empreendedoras, programas de capacitação gerencial e digital voltados a micro e pequenas empresárias, mecanismos de enfrentamento às discriminações nos sistemas de crédito e iniciativas que reduzam a sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidado são fundamentais para que empreender deixe de ser, predominantemente, uma estratégia de sobrevivência e se consolide como escolha qualificada de desenvolvimento profissional. Desse modo, a expansão do empreendedorismo feminino no Brasil não apenas contribui para o crescimento econômico, mas também se apresenta como eixo estruturante de promoção de equidade de gênero, inclusão produtiva e desenvolvimento social, abrindo espaço para futuras pesquisas que detalham impactos regionais, recortes de raça e classe e avaliação de políticas específicas de apoio às mulheres empreendedoras.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. **Desemprego na pandemia continua subindo e chega a 13,7%**. Rio de Janeiro: EBC, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-08/desemprego-na-pandemia-continua-subindo-e-chega-137>. Acesso em: 8 jan. 2026.
- ALDRICH, H. E.; ZIMMER, C. Entrepreneurship through social networks. In: SEXTON, D. L.; SMILOR, R. W. (ed.). **The art and science of entrepreneurship**. Cambridge, MA: Ballinger, 1986, p. 3-23.
- ALVES, J. E. D.; CORRÊA, S. Igualdade e desigualdade de gênero no Brasil: um panorama preliminar, 15 anos depois do Cairo. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS (ABEP); FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA). **Brasil, 15 anos após a Conferência do Cairo**. Campinas: ABEP; UNFPA, 2009. p. 121-224.
- BRUSH, C. G.; COOPER, S. Y. **Growth-oriented women entrepreneurs and their businesses: a global research perspective**. Londres: Edward Elgar, 2012.
- BRUSH, C. G.; DE BRUIN, A.; WELTER, F. A gender-aware framework for female entrepreneurship. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 8-24, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/235302742_A_Gender-Aware_Framework_for_Women%27s_Entrepreneurship. Acesso em: 9 jan. 2026.
- CINEGLAGLIA, M. N.; FRIEDE, M. G. M.; CAVALCANTI, M. T. Desafios do empreendedorismo feminino no Brasil na atualidade. **Revista Lex Cult**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 59-76, set./dez. 2021. DOI: 10.30749/2594-8261.v5n3p59-76. Disponível em: <https://lexcultccjf.trf2.jus.br/index.php/LexCult/article/view/544/360>. Acesso em: 18 dez. 2025.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOGISTAS (CNDL). **Crédito: empreendedoras são melhores pagadoras**. 2024. Disponível em: <https://cndl.org.br/varejosa/credito-empreendedoras-sao-melhores-pagadoras/>. Acesso em: 8 jan. 2026.
- DE BRUIN, A.; BRUSH, C. G.; WELTER, F. Advancing a framework for coherent research on women's entrepreneurship. **Entrepreneurship Theory and Practice**, [S. l.], v. 31, n. 3, p. 323-339, 2007.
- DORNELAS, J. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2021. Disponível em: <https://share.google/ASM4pmBv0H6CX8FYf>.
- DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios**. São Paulo: Pioneira, 1986.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, [S. l.], Abr/Jun. 1999, p. 5-28. Disponível em: <https://rausp.usp.br/wp-content/uploads/files/3402005.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2026.

DUARTE, Isabela; TOBLER, Rodolpho. **Panorama atual da desigualdade de gênero no Brasil: uma análise a partir da PNADC e da SMT**. IBRE, 2025. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/panorama-atual-da-desigualdade-de-genero-no-brasil-uma-analise-partir-da-pnadc-e-da-smt>. Acesso em: 22 jan. 2026.

FREITAS, L. C. Habilidades sociais e potencial empreendedor: análise em universitários. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 100-114, 2023. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4417/441776177022/441776177022.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2026.

GEM. GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil: relatório executivo 2019**. 2019. Disponível em: <https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%202019.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2025.

GEM. GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil por faixa etária: GEM 2024**. 2024a. Disponível em: <https://sebraepr.com.br/impulsiona/empreendedorismo-no-brasil-por-faixa-etaria-gem-2024/>. Acesso em: 25 dez. 2025.

GEM. GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Global Entrepreneurship Monitor 2004: apresentação global**. 2024b. Disponível em: https://api.pr.sebrae.com.br/storage/comunidade/anexos/28480/PUB_GEM%20-%20Relat%C3%B3rio%20Executivo%20Global%20Entrepreneurship%20Monitor%202024.pdf. Acesso em: 18 dez. 2025.

GEM. GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Retrato do empreendedorismo no Brasil**. 2025. Disponível em: <https://sebraepr.com.br/impulsiona/retrato-do-empreendedorismo-no-brasil-gem-2024-2025/>. Acesso em: 18 dez. 2025.

GIMÉNEZ, F. A. P.; FERREIRA, J. M.; RAMOS, S. C. Empreendedorismo feminino no Brasil: gênese e formação de um campo de pesquisa. **REGEPE – Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**. DOI: 10.14211/regepe.v6i1.450. Disponível em: <https://share.google/0qO0jVBwNoYMs05aH>. Acesso em: 8 jan. 2026.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-606, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/>. Acesso em: 6 jan. 2026,

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Em 2015, o PIB cai 3,8% e totaliza R\$ 5,9 trilhões**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releas/9610-em-2015-pib-cai-3-8-e-totaliza-r-5-9-trilhoes>. Acesso em: 3 jan. 2026.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Desemprego. 2024A. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=desemprego. Acesso em: 19 jan. 2026.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em tarefas domésticas.** Agência de Notícias IBGE, 17 mar. 2024B. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2025/03/2025-02-26-relatorio_empREENDEDORIS mo_feminino_uf_202404_relatorio_final.pdf. Acesso em: 21 jan. 2026.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Empreendedorismo feminino no Brasil.** Brasília: IPEA, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor/elas-empreendem/panorama-do-empreendedorismo-feminino-no-brasil/estudo-do-empreendedorismo-feminino.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2026.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Inflação.** 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/inflacao.php>. Acesso em: 6 jan. 2026.

INSTITUTO REDE MULHER EMPREENDEDORA. **Pesquisa IRME 2025: desigualdade, barreiras no crédito para mulheres empreendedoras e caminhos para empoderamento.** 2025. Disponível em: <https://associacaointajudahnt.org.br/pesquisa-irme-2025-desigualdade-barreiras-no-credito-para-mulheres-empreendedoras-e-caminhos-para-empoderamento/>. Acesso em: 2 jan. 2026.

KASSAI, S. As Empresas de Pequeno Porte e a Contabilidade. **Caderno de Estudos**, São Paulo, FIECAFI, v.9, n.15, p.60-74, janeiro/junho 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cest/n15/n15a04>. Acesso em: 28 dez. 2025.

KELLEY, D. J. et al. **Women's entrepreneurship 2016/2017 report.** Global Entrepreneurship Research Association, 2017. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org/report/gem-20162017-womens-entrepreneurship-report>. Acesso em: 2 jan. 2026.

LIMA, C. R. N. **Gênero, trabalho e cidadania:** Função igual, tratamento salarial desigual. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, nº 3, p. 10. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/r8GpqLQg3CfJsNFJzgVTWdx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 2 jan. 2026.

MACHADO, H. P. V. **Empreendedorismo e gênero:** uma apreciação de estudos no Brasil. Gênero, Trabalho e Organização, [S. l.], v. 32, n. 3, p. 1307-1328, 2025. DOI: 10.1111/gwao.13208. Acesso em: 2 jan. 2026.

MINISTÉRIO DO EMPREENDEDORISMO, DA MICROEMPRESA E DA EMPRESA DE PEQUENO PORTE (MEMP). **Mapa de empresas:** boletim do 2º quadrimestre de 2023.

Brasília, DF, 2024a. Disponível em:

<https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/mapa-de-empresas/boletins/mapa-de-empresas-boletim-2o-quadrimestre-2023.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2026.

MINISTÉRIO DO EMPREENDEDORISMO, DA MICROEMPRESA E DA EMPRESA DE PEQUENO PORTE (MEMP). **Mapa de empresas:** boletim do 1º quadrimestre de 2024.

Brasília, DF, 2024b. Disponível em:

<https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/mapa-de-empresas/boletins/mapa-de-empresas-boletim-1o-quadrimestre-2024.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2026.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS (MDIC); PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Empreendedorismo feminino no Brasil: panorama.** Brasília, DF, 2024. Disponível em:

<https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor/elas-empreendem/panorama-do-empreendedorismo-feminino-no-brasil/estudo-do-empreendedorismo-feminino.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2026.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MTE). **As mulheres ainda recebem 21% menos que os homens em empresas com 100 ou mais funcionários.** Brasília, DF, nov. 2025. Disponível em:

<https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2025/novembro/mulheres-a-inda-recebem-21-menos-que-homens-em-empresas-com-100-ou-mais-funcionarios>. Acesso em: 6 jan. 2026.

MINNITI, M. Female Entrepreneurship and Economic Activity. **European Journal of Development Research**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 294-312, 2010. DOI: 10.1057/ejdr.2010.18.

Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/ejdr.2010.18>.

Acesso em: 2 jan. 2026.

NAZÁRIO, L. et al. Motivações ao empreendedorismo feminino na área da beleza e estética. **Revista Destarte Estácio**, [S. l.], v. 2, 2022. Disponível em:

<https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/destarte/article/view/3197>. Acesso em: 9 jan. 2026.

PEDROSO, J. P. P.; MASSUKADO, M. S.; MUSSI, F. B. A relação entre o jeitinho brasileiro e o perfil empreendedor: possíveis interfaces no contexto da atividade empreendedora no Brasil. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, [S. l.], v. 10, p. 100-130, 2009.

Disponível

em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712009000400006.

Acesso em: 9 jan. 2026.

PINTO, A. C. C. **Direitos das Mulheres.** Grupo Almedina, 2020. 9786556271248.

PIRANI, N. C.; COSTA, M. A.; MARGUTI, B. O. **Atlas da vulnerabilidade social: avaliação continuada**. Brasília, DF: Ipea, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/2380ea6f-8916-4c58-9e87-3a712a9e1184/content>. Acesso em: 3 jan. 2026.

RIETVELD, C. A.; PATEL, P. C. Gender inequality and the gender gap in entrepreneurship: evidence from 97 countries. **Journal of Evolutionary Economics**, [S. l.], v. 32, n. 4, p. 1205-1229, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/361708395_Gender_inequality_and_the_entrepreneurial_gender_gap_Evidence_from_97_countries_2006-2017. Acesso em: 1 jan. 2026.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015. Acesso em: 19 jan. 2026

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. Tradução de Maria Sílvia Possas. São Paulo: Círculo do Livro, 1997.

SEBRAE. **Empreendedorismo feminino no Brasil: desafios e o Sebrae Delas**. Agência Sebrae, 2020. Disponível em: https://www.sebraepr.com.br/wp-content/uploads/Empreendedorismo-Feminino-no-Brasil-2020.pdf?srltid=AfmBOoqDds68x4rihd8B44qyNQz-Oys7e4-cSECi_vnT5qz1omigvF28. Acesso em: 10 dez. 2025.

SEBRAE. **A taxa de sobrevivência das empresas no Brasil**. Sebrae/PR, 2022. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/a-taxa-de-sobrevivencia-das-empresas-no-brasil,d5147a3a415f5810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em: 18 dez. 2025.

SEBRAE. **Empresárias dedicam menos tempo aos seus negócios, aponta estudo**. Agência Sebrae de Notícias, 20 mar. 2023. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/dados/empresarias-dedicam-menos-tempo-aos-seus-negocios-aponta-estudo/>. Acesso em: 6 jan. 2026.

SEBRAE. **Mulheres empreendedoras pagam taxa de juros maior do que homens na tomada de crédito**. Agência Sebrae, 2024. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/dados/mulheres-empreendedoras-pagam-taxa-de-juros-maior-do-que-homens-na-tomada-de-credito/>. Acesso em: 11 dez. 2025.

SEBRAE. **Mesmo com mais escolaridade, as mulheres têm renda 24% menor que os homens à frente de um negócio**. Agência Sebrae, 2025A. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/economia-e-politica/mesmo-com-mais-escolaridade-mulheres-tem-renda-24-menor-que-os-homens-a-frente-de-um-negocio/>. Acesso em: 1 jan. 2026.

SEBRAE. **Empreendedorismo Feminino**. Agência Sebrae, 2025B. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2025/03/2025-02-26-relatorio_empreendedorismo_feminino_uf_202404_relatorio_final.pdf. Acesso em: 1 jan. 2026.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 6.

ROSA, S. S. da .; ORELLANA, V. dos S. Q. .; MENEZES, G. R. Determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil e regiões. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, [S. l.], v. 14, n. 4, p. 690-713, 2020. DOI: 10.54766/rberu.v14i4.643. Disponível em: <https://share.google/QjwJW6kFGYlpNA0hM>. Acesso em: 2 jan. 2026.

SHANE, S. Reflections on the 2010 AMR decade Award: Delivering on the Promise of Entrepreneurship as a Field of Research. **Academy of Management Review**, [S. l.], v. 37, n. 1, p. 10-20, 2012. Disponível em: <https://journals.aom.org/doi/abs/10.5465/amr.2011.0078>. Acesso em: 2 jan. 2026.

TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO. **Desigualdade salarial entre homens e mulheres evidencia discriminação de gênero no mercado de trabalho**. TST, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://www.tst.jus.br/-/desigualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres-evidencia-discriminacao-de-genero-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 8 jan. 2026.

XPI INVESTIMENTOS. **TBT: como a greve dos caminhoneiros de 2018 afetou a economia**. Disponível em: <https://conteudos.xpi.com.br/economia/tbt-como-a-greve-dos-caminhoneiros-de-2018-afetou-a-economia>. Acesso em: 18 dez. 2025.